

VISUAIS/CRÍTICA

Suprema paródia do órgão público brasileiro esteve, por alguns anos, localizado em São Paulo. Tratava-se do Idart — Departamento de Informação e Documentação Artística da Prefeitura de São Paulo —, pousado no belo Pátio do Colégio. A verba anual do Idart era maior do que a totalidade das verbas dos vários museus importantes da cidade de São Paulo. A sua verba anual era de 12 milhões de cruzeiros. O Masp, para se ter uma idéia, vivia ou sobrevivia com cerca de 3 milhões anuais. E o Idart fazia o quê? Arquivava. Todo acontecimento artístico, inaugurações de exposições, teatro, temporada lírica, festa de rua, lá estavam os bravos funcionários do Idart gravando e fotografando, anotando dados. Tudo isto ia para um arquivo gigantesco. Havia dezenas de funcionários, pesquisadores, tarefeiros, secretárias, chefes e tudo o mais. Durante estes anos todos, quando o Idart tentava sobrepujar a atuação diária dos órgãos de comunicação, ele não produziu nada, não expôs nada, não deu à luz uma magra pesquisa que fosse. Era uma espécie de Centre Georges Pompidou ao contrário. Agora, finalmente, de alguns meses para cá, o Idart despertou, já na sua nova sede, a Casa das Retortas, e tem publicado as suas plaquettes e feito algumas exposições. As suas plaquettes carecem de independência cultural, fazem balanços de artigos críticos publicados na imprensa com o cuidado de omitir os mais polêmicos. Mas sair da casca já é um magnífico progresso. Esta exposição **Desenhos, Aquarelas e Guaches** (Casa das Retortas, Rua da Figueira, 77) é preciosa.

A Casa das Retortas está mostrando uma parte da coleção da Biblioteca de Arte. São trabalhos que vão da década de 30 até a década de 70 e que se revelam para o público no sentido geral de devolver a São Paulo uma parte de sua história. Uma das consequências da superficialidade e do consumismo instalado no Brasil é a crença generalizada de que a cultura e a arte começaram justamente no dia de hoje. Ao contrário, nós somos herdeiros e responsáveis de um extraordi-



Trabalho de Luiz Sacilotto

O Idart, finalmente criando alguma coisa.

H. Bianchi Dominguez, E. W. Gomes Ferreira, Lucy Ferreira, Joaquin Figueira, Samson Flexor, Reynaldo Fonseca, Raphael Galves, Paul Gauguin, Bruno Giorgi, Antonio Gomide, Clóves Graciano, Maria Granham, Marcello Grassmann, Julieta Guerreini, Lisa Hofmann, J. Carlos, Jefferson, Renina Katz, K. Lixto, Frans Krajeberg, Renée Lefèvre, Fernando Lemos, Walter Lewy, Lima Barreto, Nelson Luz, Nássara, Lourival Gomes Machado, Aloisio Magalhães, Annita Malfatti, Maria Leontina, Milton Marques, Aldemir Martins, Manoel Martins, Mário Neme, Yolando Mohalyi, Pietro Nericci, Flavio Mota, E. Mobiling, Nelson Nobrega e mais 37 artistas, alguns famosos e conhecidos, num total de 647 obras.

Acompanha esta exposição um catálogo de bom nível e com correto sistema de identificação das obras. O catálogo peca, entretanto, pela falta de texto explicativo e opinativo sobre os artistas e períodos. Certamente o Idart deve perder este tipo de neutralidade da omissão e compreender que, mesmo uma opinião discutível, é melhor do que nenhuma opinião, já que a vida intelectual é feita justamente da elaboração de conceitos. Mas, vale insistir, esta exposição é uma bela iniciativa, com obras, artistas e uma memorialística importantes.

Jacob Klintowitz